

# FEIJOADA: DAS SENZALAS DOS NEGROS AOS RESTAURANTES DA CLASSE MÉDIA

Denison Rafael Pereira da Silva\*  
Francisco Alves Gomes\*\*

## Resumo

A feijoada é considerada hoje um prato dos brasileiros que se elevou de *status*: de um elemento da culinária específico dos negros da senzala a um dos pratos mais caros dos restaurantes da classe média brasileira. Isto se deu com a sua ressignificação que a tornou um símbolo nacional. Mas qual o sentido dessa ressignificação? Ou melhor, qual a motivação para isso? Neste trabalho buscaremos analisar o porquê dessa ressignificação e como ela se deu, bem como faremos um passeio histórico por meio dos discursos raciais no Brasil e no âmbito local. Com isso pretendemos despertar o interesse no desmitificar dos acontecimentos que tomam novos rumos devido à verticalização do escrever história.

**Palavras-chave:** História; Negro; Feijoada; Racismo.

---

\* Acadêmico de Ciências Sociais com Habilitação em Sociologia pela Universidade Federal de Roraima.

\*\* Acadêmico de Ciências Sociais com Habilitação em Sociologia pela Universidade Federal de Roraima.

## Introdução

Pensarmos de forma reflexiva acerca da escravidão no Brasil e de suas conseqüências que afetam direta e indiretamente a sociedade de hoje apresenta certas dificuldades, pois corremos o risco de cairmos no reducionismo ou até mesmo na simplificação dos fatos, visto que somos conduzidos por uma historiografia oficial construída pela elite intelectual branca, ou pelo menos outrora fora de forma mais determinante. Entretanto, é válido lembrar que o desafio é gratificante e quanto mais glorioso pela contribuição que traz a história do Brasil e de cada brasileiro como nós.

No entanto, ao trazermos à tona uma reflexão crítica acerca da História do Brasil e da relação dos afro-brasileiros com os europeus pautada numa nova perspectiva – visão oposta ao dos intelectuais que exaltam o branco na História – poderíamos está abafando vozes que gritam desesperadamente a todo o momento pelo simples fato de não está propiciando a eles mesmos escreverem sua própria história. Esta “proposta de transgressão, que se efetiva também em textos da chamada literatura afro-brasileira, não pretende iluminar os lugares já indicados pela própria sociedade. Procura ultrapassar mesmo algumas posturas que, embora mais crítica, ainda se ligam à visão do negro ‘tutelado’, pois, ao falar por ele, silenciam a sua voz e imobilizam reações mais concretas para desarticular os papéis estabelecidos pela sociedade”( FONSECA, s/d, p. 95). Entretanto, é valido correr o risco visto que não concebemos a ordem sem o caos, à igualdade sem a desigualdade e o silêncio sem os gritos críticos da reflexão.

Assim, para iniciarmos uma reconstrução da história brasileira nos reportaremos a DaMatta, antropólogo da atualidade, que traz uma excelente reflexão acerca do que seja este Brasil em que moramos. Este afirma que:

O Brasil com B maiúsculo é algo mais complexo. É país, cultura, local geográfico, fronteira e território reconhecidos internacionalmente, e também casa, pedaço de chão caçado com o calor de nossos corpos, lar, memória e consciência de um lugar com o qual se tem uma ligação especial, única, totalmente sagrada. É igualmente um tempo singular cujos eventos são exclusivamente seus, e também temporalidade que pode ser acelerada na festa do carnaval; que pode ser detida na morte e na memória e que pode ser trazida de volta na boa recordação da saudade. Tempo e temporalidade de ritmos localizados e, assim, insubstituíveis. Sociedade onde pessoas seguem certos valores e julgam as ações humanas dentro de um padrão somente seu. Não se trata mais de algo inerte, mas de uma entidade viva, cheia de auto-reflexão e consciência: algo que se soma e se alarga para o futuro e para o passado, num movimento próprio da História (DAMATTA, 1984, p.12).

Desse modo, percebermos que é por meio das nossas relações sociais que o mundo é criado e efetivado pela linguagem, de igual modo ocorre ao Brasil em sua efetivação mais ampla. Nisto consiste termos um idioma específico, costumes próprios, rito diferenciados, etc. que anuncia uma sociedade com suas peculiaridades se comparada a outras, anuncia o povo brasileiro.

A nação brasileira, construída pela elite política e intelectualidade branca, tem a imagem de um país pacífico e harmonioso em suas relações onde o preconceito e o racismo estão escondidos pela hipocrisia e dissimulação das pessoas. Como exemplo dessa hipocrisia nacional, temos um elemento identitário dos escravos - a feijoada – considerada hoje um prato dos brasileiros. Elevou-se de *status*: de um elemento da culinária específico dos negros da senzala a um dos pratos mais caros dos restaurantes da classe média brasileira. Isto se deu com a sua resignificação que a tornou um símbolo nacional. Mas qual o sentido dessa resignificação? Ou melhor, qual a motivação para isso?

Neste trabalho buscaremos analisar o porquê dessa resignificação e como ela se deu, bem como faremos um passeio histórico por meio dos discursos raciais no Brasil e no âmbito local. Com isso pretendemos despertar o interesse no desmitificar dos acontecimentos que tomam novos rumos devido à verticalização do escrever história.

### **Brasil sem máscara: uma nova História**

“As imagens construídas sobre o negro, na cultura brasileira, não se distanciam muito daquelas produzidas em outros espaços economicamente desenvolvidos a partir da mão-de-obra escrava” (FONSECA, s/d, p. 89). Essa afirmação feita pelo autor é perceptível quando analisamos de forma adequada às histórias construídas a respeito do negro de origem africana no Brasil. Devemos nos perguntar: quem está por trás da construção histórica desses povos? A história que domina o cenário atual e que chega a grande massa da população é, de certa forma, produzida pelo lado vencedor, isto é, muitos dos relatos históricos são edificados por apenas uma ótica, um lado ou perspectiva. Esta é a chamada história oficial, escrita e legitimada como verdadeira pela população e pelo Estado.

Nesse sentido, foi a partir da construção de uma história infeliz para os negros de origem africana no Brasil, que se consolidou o modo de pensar a respeito dos negros brasileiros por várias gerações. Pensamos que muito dos ditos depreciativos em volta da classificação epidérmica do indivíduo negro se dá hoje em dia devido a diversos fatores históricos. Um grande exemplo disto é a própria escravidão que largou o negro na senzala e

frigorificou o sonho de liberdade de um povo marginalizado pelos ditames de uma sociedade que, de acordo com Fonseca, reconhece a existência do racismo contra os negros, mas que não se aceita discriminadora, porque acredita que racistas são os outros, os americanos e os brancos da África do Sul.

Muitos indivíduos reconhecem e admitem a existência de um problema racial no país, mas entram em contradição quando afirmam sempre não serem preconceituosos raciais em potencial. A escravidão deixou marcas brutais na sociedade brasileira contemporânea. Isto se evidencia quando analisamos os dados estatísticos referentes aos problemas que assolam o país.

Desde o início deste século, a cor da pobreza é, no Brasil, majoritariamente negra e mulata, mas, mesmo nos segmentos de predominância de não-brancos, circulam traços diferenciadores dos quais não se é possível fugir, porque são construídos por um discurso, legitimado como verdadeiro, demarcador de lugares que devem ser preservados pela sociedade como um todo. (FONSECA, s/d, p.94).

Mesmo com o fim da escravidão, com os movimentos abolicionistas, a população negra continuou a margem da sociedade, pois não houve o devido cuidado em prepará-las para se enquadrar no ritmo vivido em um *nicho* social de origem capitalista. “Livre da escravidão, mas vitimado por intensa pobreza e preconceitos e não protegido por qualquer política de integração à sociedade, ficou a margem dos projetos de identidade nacional ou neles só pôde figurar enquanto força de trabalho, que sustenta a mesma ordem que o excluiu.” (idem, p. 90).

Seguindo essa linha de raciocínio, como pode o negro ser extremamente mal visto perante a visão social, e, em contrapartida, ser o idealizador de um bem bastante aceito pela mesma sociedade que os discrimina? A feijoada enquanto comida tipicamente nacional e apreciado por muitos é filha da senzala e dos negros africanos e escravos no Brasil do período colonial. Será que a elite brasileira consumidora tem em mente a real origem da feijoada?

Ao nos reportamos a nossa história, a partir da historiografia oficial, teremos a origem da feijoada relacionada aos tempos em que vigorava o modo de produção escravista nascida em meio as Senzalas; mais especificamente originário como produto da culinária dos negros africanos, pois estes eram vistos apenas como “objetos de trabalho” tinham a sua disponibilidade os mais “saborosos restos” de tudo aquilo que eram inúteis na alimentação dos senhores de engenho, ou seja, as extremidades dos porcos: os pés, orelhas, rabo, entre

outros. Acrescido a isso, os escravos adicionavam ao que hoje chamamos de feijoada o, então, feijão-preto.

Ainda em relação a este assunto, Fry (2001) faz uma reflexão acerca da feijoada enquanto símbolo nacional no Brasil e compara a representatividade desta comida no país com o significado incorporado nos Estados Unidos da América. O autor chega a conclusão clássica de que nos dois países a origem da comida é a mesma, já que em “ambas este item da cultura culinária foi elaborada pelos escravos utilizando as sobras do porco desprezadas por seus senhores” (FRY, 2001, p. 149). A diferença, todavia, fica por conta dos significados simbólicos, já que no Brasil a feijoada é considerada um prato nacional, símbolo da nacionalidade. Nos EUA a feijoada foi incorporada como símbolo de negritude, ou seja, comida típica dos negros americanos, ou simplesmente *soul food*.

Dessa forma, podemos nos questionar sobre os possíveis fatores que levaram a feijoada a passar por processos de ressignificação no contexto brasileiro ao longo de nossa história. Fry (2001) aponta para um viés maquiavélico, na medida em que afirma que a adoção da feijoada como símbolo nacional fez parte de um plano estratégico da nata branca dominante para encobrir a realidade da dominação econômica e racial. “A ‘função’ da feijoada era manter o *status quo*, impedindo a percepção do racismo e, por consequência, o seu combate.” (p. 159).

Assim sendo, a adesão da feijoada como prato típico, símbolo da nacionalidade brasileira, reforçou ainda mais a idéia que sustenta o mito da democracia racial no país. Esse discurso dominou, de certo modo, o imaginário coletivo da sociedade no período colonial, e se alastrou até os dias de hoje. Segundo Florestan Fernandes, “(...) a chamada ‘democracia racial’ não tem nenhuma consistência e, vista do ângulo do comportamento coletivo das ‘populações de cor’, constituiu um mito cruel”. (FERNANDES, 2007, p. 47).

Este fato pode ser posto em prova visivelmente a partir da análise de dados coletados em uma pesquisa realizada com os alunos dos Cursos do Centro de Ciências Humanas – CCH, da Universidade Federal de Roraima – UFRR<sup>1</sup>, no ano de 2008. O objetivo inicial da pesquisa foi de comparar os dados coletados com as informações estatísticas de uma pesquisa realizada por Lílian Moritz Schwarcz, em 1988, e outra idealizada pelos pesquisadores do Núcleo de Pesquisa e Informação da Universidade Federal Fluminense, no ano de 2000<sup>2</sup>.

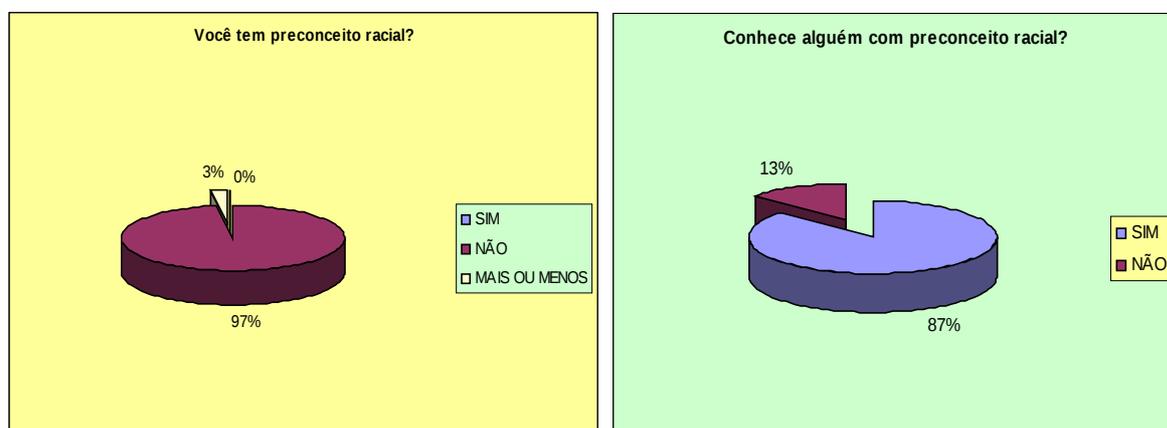
---

<sup>1</sup> Foram aplicados 38 questionários com os alunos dos três cursos do CCH, isto é, Ciências Sociais, História e Relações Internacionais.

<sup>2</sup> Todos esses dados foram citados por Fonseca, s/d, p. 98.

O texto de Schwarcz rememora alguns índices da difícil convivência da sociedade brasileira com a sua “especificidade nacional” marcadamente de cor. Alude a uma pesquisa realizada em São Paulo, em 1988, e ressalta que 97% dos entrevistados, à época, afirmaram não ter preconceito racial. Entretanto, 98% dos mesmos consultados disseram conhecer pessoas que têm preconceito racial. O resultado é bastante interessante porque ressalta o fato de que, no Brasil, o preconceito contra o negro existe, mas é sempre negado, porque a maioria das pessoas é preconceituosa, mas não admite isso claramente. Esta opinião geral se confirma em pesquisa mais recente, cujos resultados foram publicados pelo Jornal do Brasil, em 26/05/2000. De acordo com essa pesquisa, 93% das 1.172 pessoas entrevistadas, em todo o estado do Rio de Janeiro, pelos pesquisadores (...), admitem que há preconceito racial no Brasil. No entanto, como na pesquisa de 1988, um alto número de entrevistados, 87%, admite “não ter qualquer preconceito de cor” (FONSECA, s/d, p. 98).

Com base nesses dados citados por Fonseca, podemos verificar que o discurso continua o mesmo em pleno século XXI. Isto é, mesmo vinte anos após a pesquisa de Schwarcz, e oito anos após o estudo da Universidade Federal de Fluminense, constatamos que as pesquisas em volta do tema apontam mais ou menos para a mesma direção. Dos acadêmicos do CCH entrevistados, exatamente 97% afirmaram “não ter qualquer preconceito de cor”, e apenas 3% afirmaram, por escolha própria, a opção “mais ou menos”. Em contrapartida, 87% dos mesmos entrevistados pesquisados garantiram conhecer alguém que tenha “preconceito racial”, conforme os gráficos abaixo:



O resultado é bastante interessante, pois evidencia algumas contradições preliminares em volta da pesquisa realizada com os alunos do CCH. Dessa forma, podemos constatar que o racismo existe no *nicho* acadêmico do Centro de Ciências Humanas da Universidade Federal de Roraima, mas o mesmo é negado perante a opinião pública. O mais interessante é que se tem uma crença coletiva de que os acadêmicos da área de Ciências Humana, ou seja, candidatos a criticidade dos fatos para enxergá-los como realmente são ainda tem “enraizados

em suas almas” o racismo à brasileira. É dessa maneira que vai se consolidando, até mesmo no meio acadêmico, discursos depreciativos a respeito do negro. “Essa incapacidade de nos ver como realmente somos reforça um tipo de racismo camuflado e não assumido que acaba por frear ações mais eficazes contra a discriminação que fortalece (...) com a opinião de muitos brasileiros que acreditam ser a raça negra menos evoluída que a branca” (FONSECA, s/d, p.99).

## **Feijoada e outros dados**

O homem desde sempre necessitou do alimento como forma de sobrevivência e perpetuação da espécie e nisso poderíamos incluir a permanência de idéias. Assim, como a reprodução sexual foi usada para sustentar teorias que justificassem um grupo em detrimento do outro como, por exemplo, o branqueamento, a eugenia etc. a alimentação passou a justificar certas idéias que ainda hoje dominam o cenário mundial. Isto é de fácil verificação, quando observamos o modo de consumir americano e a sua difusão. Entretanto, nós não temos a pretensão de tratar sobre o modo de consumir americano, mas sim do modo de consumir a Feijoada à brasileira.

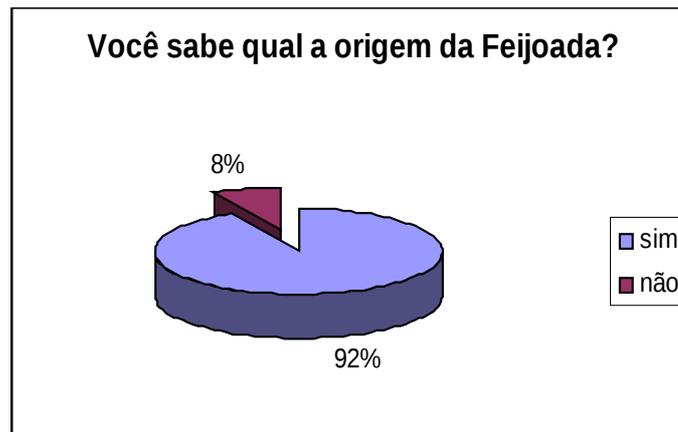
Como as comidas são associadas a povos em particular, e muitas delas são consideradas inequivocamente nacionais, lidamos freqüentemente com questões relativas à identidade. Todos sabemos que os franceses supostamente comem rãs e caracóis; os chineses, arroz e soja; e os italianos, macarrão e pizza. Mas a espantosa circulação global de comidas e a circulação paralela de pessoas levantam novas questões sobre comida e etnicidade. (MINTIZ, 2001, p.4)

Corroborando essa idéia, DaMatta (1984), tratando especificamente de nosso país, afirma que o Brasil está em todo lugar; nas leis e nas nobres artes da política e da economia, das quais temos que falar sempre num idioma oficial e dobrando a língua; mas que não menos importante está também na comida que comemos, e nisso nada melhor do que Feijoada como exemplo, na roupa que vestimos, na casa onde moramos e na mulher que amamos e adoramos. “Aqui, portanto, o Brasil está em toda parte: ou melhor, pode ser encontrado em toda parte. O erro foi procurá-lo onde ele não gostava de estar, ou simplesmente não podia nem devia estar. Como se uma sociedade pudesse ser definida como uma máquina: a partir de uma planta de engenharia dada de fora” (DAMATTA, 1984, p.13).

Desse modo, a Feijoada é hoje considerada uma comida tipicamente brasileira e é associada como um prato nacional, sendo assim um elemento identitário e, conseqüentemente

um símbolo nacional do Brasil. Na verdade, ela carrega consigo certas idéias de modo a difundir na sociedade brasileira por que, como um elemento cultural, é envolvida de simbolismos.<sup>3</sup>

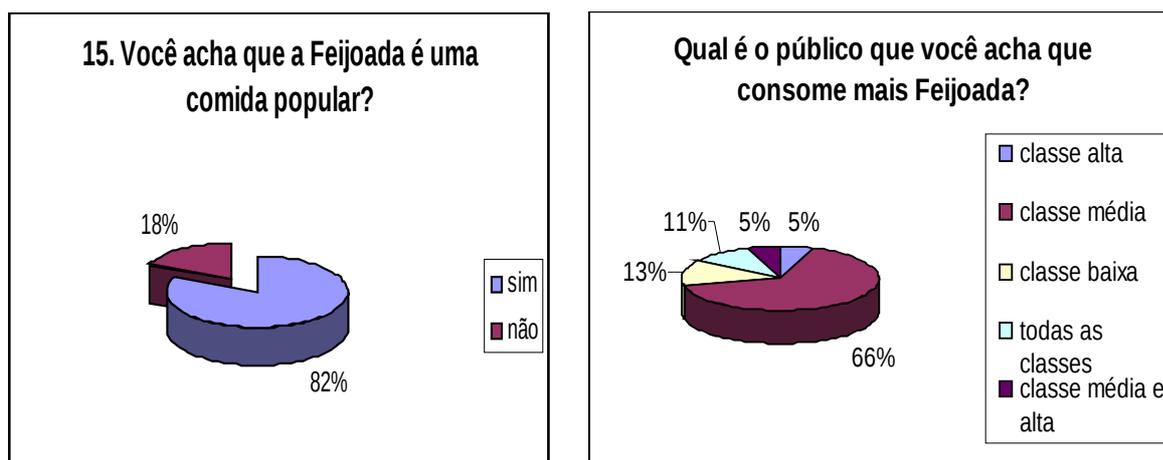
De acordo com a pesquisa que desenvolvemos no CCH da UFRR (2008), quando perguntado aos entrevistados sobre a origem da Feijoada, 92% afirmaram que sabiam dela, enquanto apenas 8% disseram que não. (ver gráfico).



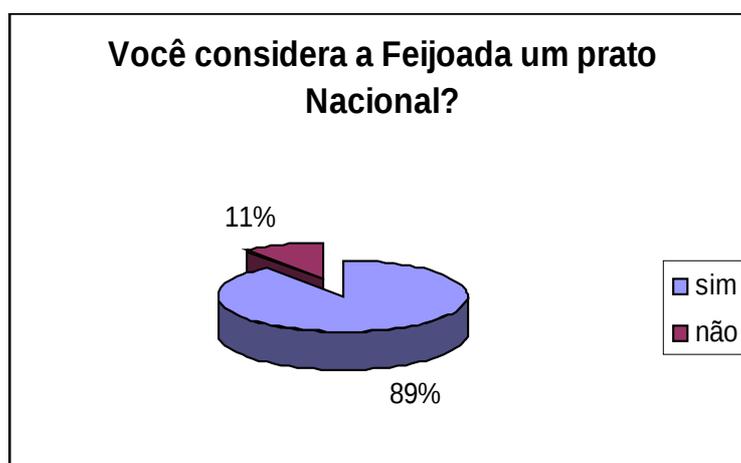
Entretanto, notamos incongruência quanto à resposta de duas questões essenciais a nossa pesquisa, que foram: Você acha que a Feijoada é uma comida popular e qual é o público que você acha que consome mais, pois 82% dos entrevistados afirmaram que ela é uma comida popular e apenas 18% afirmaram que não, mas se assim fosse, a lógica da resposta da pergunta seguinte seria que ela era consumida por todas as classes. No entanto, nos surpreendemos quando mais de 50% dos entrevistados afirmou ser uma comida consumida exclusivamente pela classe média e apenas 11% afirmaram ser consumida por todas as classes. (Ver gráfico)

---

<sup>3</sup> Tais idéias foram comentadas no *caput* deste tópico. Idéias estas como ideologias.



Quanto a Feijoada ser um prato nacional, 89% dos acadêmicos entrevistados afirmaram ser, enquanto que 11% disseram que não (Ver gráfico). De certo modo esses dados confirmam as inferências que se seguiram no decorrer deste artigo.



Em um artigo sobre a Feijoada Fry (2001) tem as seguintes conclusões:

Em 'feijoada...' a mistura e a ideologia do não-racialismo são tratadas como mentiras que 'ocultam' uma realidade mais concreta. No final de 'Feijoada...' concluí que 'a conversão de símbolos étnicos em símbolos nacionais não apenas oculta uma situação de dominação racial mas torna muito mais difícil a tarefa de denunciá-la. Quando se convertem símbolos de 'fronteiras' étnicas em símbolos que afirmam os limites da nacionalidade, converte-se o que era originalmente perigoso em algo 'limpo, 'seguro' e 'domesticado' (p 51)

Consideramos tal como se apontada nas conclusões de Fry, que a mudança de *status* que a Feijoada sofreu está associada à camuflada sociedade racista que busca aproximar e afastar os negros dos brancos numa convivência que inferioriza uns e outros não na lógica: “todos somos iguais, mas uns são mais iguais que os outros”.

### **Considerações Finais**

Os passeios reflexivos em volta da questão da resignificação da feijoada e do processo de camuflagem do racismo no contexto brasileiro nos levam a repensar em um modelo de análise mais profunda e precisa acerca dos discursos levemente desmistificados ao longo deste trabalho, pois esta iniciativa quase pioneira no Estado, com aplicação de questionários e estudo de caso, nos incentivaram a pensar em algo maior.

Trata-se de tentar dar prosseguimento a uma pesquisa de caráter acadêmico aos moldes da pesquisa realizada por Schwarcz e pela UFF, todavia, em um contexto bastante diferenciado, com agentes sociais peculiares, não só no meio acadêmico, como também de diversas camadas sociais da cidade de Boa Vista. Ora, algumas questões pairam no ar será que a sociedade boa-vistense como um todo é racista? Será que grande parte da população conhece a feijoada, bem como já consumiu? Partindo dessa linha de raciocínio, como foi e quando foi que surgiu a feijoada no contexto amazônico?

Dessa forma, buscaremos, na próxima oportunidade, dar continuidade a essa pesquisa que de início era simplesmente peça chave e obrigatória para obtenção de nota em uma grande e memorável disciplina intitulada ‘Brasil e África’. Acreditamos que essa temática fez e ainda faz bastante sentido dentro dos propósitos e objetivos da matéria em questão.

### **Referências Bibliográficas**

DAMATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos**. 2. ed. São Paulo: Global, 2007.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. **Visibilidade e ocultação da diferença: imagens de negro na cultura brasileira.** s/d. p.89-115.

FRY, Peter. **A persistência da raça: ensaios antropológicos sobre o Brasil e África austral.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

FRY, Peter. Feijoada e *soul food* 25 anos depois. In.: ESTERCI, Neide; FRY, Peter; GOLDENBERG, Mirian (org). **Fazendo Antropologia no Brasil.** Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

GARCIA, Othon M..**Comunicação em prosa moderna: aprenda escrever, aprendendo a pensar.** 26 ed. Rio de Janeiro: FVG, 2007.

MINTZ, Sidney W.. **Comida e Antropologia: uma breve revisão.** RBCS Vol. 16 nº 47 outubro/2001.